

Eles até poderiam se mudar de Santo Domingo juntos, para um lugar maior e mais seguro. Pra ser sincera, Glória já estava cansada do trabalho, cansada daquela cidade. Ela só queria descansar, mas não podia. Ao pensar nisso, ela mordeu os lábios com força. Queria xingar David mais uma vez, mas sabia muito bem que ele tinha boas intenções. Ele só... só acabou errando com a melhor das intenções. Aquela grana daria até pra alugar um apartamento melhor. Mas agora, somando seu salário e o dinheiro da venda daquela tralha, mal cobriu os prejuízos da escola. Seus olhos começaram a ficar vermelhos, as lágrimas pressionando as pálpebras. Ela quase acreditara que finalmente teria uma vida melhor. Com ele. — Para de chorar, eu erreí. Desculpa — David olhou para os olhos vermelhos de Glória e falou. — Você sempre cuidou de mim, e eu... achei que dessa vez seria a mesma coisa. Só queria testar se um programa pirata podia substituir o original, queria aliviar seu fardo. Mas não importa o que eu diga agora, já fiz merda. — [...] — Glória se acalmou um pouco. Ela já suspeitava das intenções de David. Mas comunicação entre pessoas depende de conversa, não de adivinhação. — Mas de onde veio esse dinheiro, mãe? Seu trabalho não paga tanto assim — David olhou para Glória, curioso. — Foi o Lin que deu — respondeu Glória. — O quê? — David deu um pulo, virando-se bruscamente. — Quinze mil? Ele que deu?! — Na verdade foram vinte mil euros. Ele me transferiu ontem. Mandou que eu usasse pra você estudar direito, disse que a Academia Arasaka é cheia de riquinhos e que você ia sofrer bullying. Quis que eu te desse equipamentos novos pra sua vida escolar ficar mais fácil. — Sério?! — E como você acha que eu conseguiria esse dinheiro? Roubando? — Aquele maluco... — David recostou-se no banco, intrigado. — Onde ele arranjou vinte mil? Será que ele realmente tá fazendo serviço de acompanhante por fora? — resmungou David, cruzando os braços. Vinte mil euros! Era uma fortuna! — Cala a boca! Ainda vou dar um sermão em você quando chegarmos em casa. Corte logo os laços com aqueles médicos do mercado negro. A escola já avisou: você não pode mais vê-los — Glória falou, irritada. David resmungou. De repente, lembrou do que Lin havia dito pela manhã. Bom... pelo visto, o cara tinha um certo senso de responsabilidade. Se ele dava vinte mil euros pra Glória, e ela gostava dele... Talvez ele não fosse uma má opção mesmo. Quanto tempo ele deve ter juntado essa grana toda? David Martinés pensou, sentado no carro. Foi nesse momento que, em meio ao tráfego intenso, um caminhão de repente acelerou. Aproximou-se perigosamente do carro de Glória, quase provocando uma colisão. Em seguida, outro veículo surgiu do outro lado. Quando um homem gigantesco, musculoso, com um rosto brutal, enfiou metade do corpo pela janela empunhando uma metralhadora, David e Glória ficaram petrificados. — TATATATATATA!!! — Eles dispararam sem hesitar. Os projéteis vararam o carro, o barulho ensurdecedor fazendo David se encolher no banco, mas ele gritou para Glória: — Mãe! — Freia! FREIA! Glória jogou o corpo para trás, pisando no freio desesperada. O outro carro de seis rodas acelerou, levando uma chuva de balas. David, em pânico, olhou para frente e viu o outro veículo ultrapassá-los. Ouviu os gritos dos homens: — Porra, tão tentando fugir! — Acaba com eles, caralho! Pega o troço! — Aproveita e manda um presente pros cachorros da corporação! Um monstro sem camisa se enfiou no carro e reapareceu com um lançador de foguetes nos ombros. Sorrindo como um louco, mirou no carro preto à frente. — BOOOOOM!!! Com um estrondo, uma nuvem de fumaça subiu. O carro blindado foi lançado no ar, capotando várias vezes na estrada. — HAHHAHAHAHA! Risadas enlouquecidas ecoaram enquanto o fogo se alastrava. David, contorcido de dor sob os destroços do carro, mal teve tempo de sentir alívio por estar vivo antes de avistar a figura desmaiada de Glória perto das chamas. Seus olhos ficaram vermelhos de ódio. — Mãe? MÃE! — Levanta! LEVANTA! — MERDA, SE MEXE! Ele lutou contra os destroços, suas mãos cortadas por cacos de vidro. O fogo crescia. David viu Glória tremer inconscientemente. — Alguém... alguém salva minha mãe! — SOCORRO, POR FAVOR! Ele olhou em volta, mas só viu outros carros na mesma situação. Ninguém se arriscaria ali. Quando Glória parou de se mexer, David lutou ainda mais, mas só conseguiu se machucar ainda mais. — Lin! Lin Wen! É, o Lin! David pegou seu comunicador e discou. Ele não tinha amigos. Naquela hora, só podia contar com uma pessoa. — Atende, ATENDE! Por favor, eu te imploro! — Atende! Eu nunca mais brigo com você, nunca mais te desrespeito! — ATENDE, PORRA!!! No auge do desespero, uma voz desleixada ecoou: — Oiê, David? **Capítulo 6: E aí, David? ** ### **Hospital** A luz fria dos aparelhos

metálicos refletia nas paredes. O som do anúncio pelo alto-falante era gelado. David, de mãos entrelaçadas, tremia freneticamente. Lin ainda não havia chegado. Ele e Glória foram levados sozinhos para aquele hospital perto do centro municipal. Meia hora depois, David ainda sentia o coração acelerado e a raiva queimando no peito. Lembrava perfeitamente da ligação para Lin Wen. Assim que deu o endereço, Lin Wen pediu para ele se acalmar e ficar tranquilo. Mal desligou o telefone, a equipe de trauma chegou no local. Incrivelmente rápidos, mas quando David, cheio de esperança, pediu ajuda, aqueles caras de macacão verde simplesmente o ignoraram. Motivo? Glória não tinha plano de saúde. Mas ele tinha dinheiro! Tinha quinze mil no bolso! — Por favor, escutem! Eu tenho quinze mil— Ninguém deu ouvidos. Quando David já estava à beira do desespero, os funcionários do hospital chegaram. Tiraram ele de debaixo do carro e, ao saber do dinheiro, "gentilmente" levaram Glória para o hospital local. Os quinze mil sumiram na hora. Glória foi levada para a sala de emergência, mas saiu de lá em dois minutos. Agora estava num quarto privativo. O problema da mãe estava resolvido, mas outro surgiu: Dinheiro. — Você escolheu o pacote de tratamento premium. Para a Sra. Martinez, usamos os melhores medicamentos, tecnologia de implante dérmico, quarto VIP e terapia de ondas cerebrais. O total é de 51.030. Por favor, efetue o pagamento o quanto antes. David, com a jaqueta esfarrapada e o rosto cheio de arranhões, olhou para o médico e mordeu os lábios. — Eu não tenho tudo isso agora, mas juro que vou pagar. Meu pai... ele vai chegar logo. Só meia hora, por favor. — Temos no máximo meia hora. Se não for pago, transferiremos a Sra. Martinez para um quarto comum. Mas fique tranquilo, sua mãe não levou um tiro. São apenas fraturas e uma lesão cerebral que a deixou inconsciente. No pacote básico, a recuperação será mais lenta... e talvez haja sequelas. O médico sorriu, calculista. — Mas com o pacote premium? Três dias e ela está nova. Se tiver dinheiro, claro. David engoliu seco. — Entendi. Deixe ela no quarto VIP. Eu vou pagar. Só... preciso de mais um pouco de tempo. O médico piscou o olho metálico, perdeu o sorriso e saiu sem dizer mais nada. David enfiou as mãos nos bolsos e, cambaleando, foi até a saída de emergência. Abriu a porta, viu o chão coberto de bitucas e sentou, sem ligar para a sujeira. No corredor frio do hospital, as pernas não paravam de tremer. Ele sentia um vazio, um desespero sem fim. Queria tanto que Lin Wen aparecesse agora. Que dissesse aquela frase de sempre: — Deixa comigo. Antes, isso o irritava. Agora, seria um alívio. Mas o pensamento durou pouco. De repente, David se virou e deu uma cabeçada na parede. Depois, socos. Um, dois, três. — Por que eu preciso pedir ajuda? — Por que não consigo proteger a minha mãe? — Por que eu desisti quando começou a doer? Os punhos doíam. A mão perfurada pelo vidro, agora enfaixada, voltou a sangrar. O gosto de ferro na boca o fez encostar na parede, exausto. Ele não conseguia fazer nada. Quando a mãe desmaiou, ficou paralisado. Precisou chamar Lin Wen, a equipe de trauma... Se não fosse o dinheiro que Lin Wen deu, o que seria de Glória? O hospital no Centro era mil vezes melhor que os de Santo Domingo. Sem dinheiro, ela teria que voltar para lá. E Santo Domingo... David cresceu lá. Sabia como eram os hospitais. Lin Wen já tinha avisado, sério: — Se machucar, me chama. Nunca vá sozinho. David até tinha fuçado por curiosidade. Aqueles lugares... podiam ser chamados de hospitais? Nada a ver com este aqui, limpo, organizado, com médicos de roupa impecável e equipamentos de ponta. Lá? Bagunça, gangues brigando no corredor, tiroteio dentro do prédio, médicos mais parecendo brutamontes... — Não. A mamãe não volta para lá. Ele sacudiu a cabeça, determinado. Havia algo em casa que desse para vender? Alguma economia? Com essa ideia na cabeça, David voltou para o corredor. Precisava ver como a mãe estava. Os ferimentos externos já estavam curados, mas o médico avisara: — O problema é a cabeça. Não é grave, mas não é simples. David se aproximou do quarto do hospital. O espaço do apartamento de luxo não era tão grande quanto imaginava, mas pelo menos era privativo. Além disso, o prédio dos quartos VIP tinha mais seguranças — a cada dez metros, havia dois homens fortemente armados.[Identificação confirmada] A porta se abriu e David entrou no quarto de Glória. Foi quando ele viu o homem sentado ao lado da cama, segurando suavemente a mão dela. Seu rosto estava impenetrável — não, na verdade, tinha uma frieza que cortava. Mas quando o homem se virou, David duvidou do que havia visto antes. — Algo errado? — perguntou o homem, a voz neutra, como se o súbito desconforto de David fosse apenas um detalhe sem importância. David engoliu seco. — Não, foi nada. Só... não

esperava visitas. O homem esboçou algo que poderia ser um sorriso, se não fosse tão vazio. — Nem eu. Era como se o ar no quarto tivesse esfriado alguns graus. Davi apertou os punhos, sem saber por quê, e olhou para Glória, adormecida e alheia a tudo. O contraste entre a paz dela e a tensão na sala era quase absurdo.

<http://portnovel.com/book/49/11339>